

Dr. August Konkell, Crônicas, Sessão 17, Fidelidade Comprometida

© 2024 Gus Konkell e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. August Konkell em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 17, Fidelidade Comprometida.

O Cronista apresentou Abias como o rei que evitou a guerra direta entre o norte e o sul, e o rei que realmente entendeu o ideal que Deus queria para o seu povo e para a nação de Israel, todo o Israel, como ele gosta de se referir a isso. .

Esta prevenção da guerra entre o norte e o sul não era algo que pudesse ser evitado perpetuamente. Houve guerra entre os reis do norte e os reis do sul, e veremos isso no sucessor de Abias, e este é o rei Asa. O rei Asa, no livro dos Reis, é na verdade um rei muito bom que preserva muito do que Deus deseja para o seu povo e busca todas as coisas certas.

Mas o Cronista apresenta-o como um rei comprometido. E sem dúvida, ambos são verdadeiros, e certamente o que sabemos é que Asa esteve em guerra com Basha, o rei de Israel, praticamente durante todo o seu tempo. A cidade de Betel, que Abias restaurou, estava em perpétuo conflito por causa desta fronteira entre o norte e o sul.

Mas começamos com a parte boa de Asa e a parte positiva de seu governo, onde ele começa a focar no fato de que o povo precisa entender a adoração a Deus no templo e que qualquer tipo de sincretismo, qualquer tipo de compromisso de símbolos alternativos, qualquer tipo de compromisso do que Deus desejava na representação de sua santidade, era um desastre. Uma das coisas que surge constantemente em Reis é a adoração nos lugares altos. Agora, na maior parte, mesmo sob Jeroboão, filho de Nebate, que estabeleceu os dois santuários em Betel e em Dã, a adoração nesses santuários não é explicitamente adoração a Baal.

Em vez disso, Jeroboão queria apresentá-los como locais alternativos de adoração a Yahweh. Ele simplesmente não queria que o povo do norte descesse a Jerusalém para usar o templo ali como local de culto, pois isso comprometeria as suas ambições políticas.

Então, em vez disso, ele estabeleceu os santuários em Betel e em Dã, e ao estabelecer esses santuários para adoração em Betel e Dã, ele introduziu os símbolos de Baal, especialmente o bezerro, e também algo chamado Asherah. O Asherah é um pouco ambíguo na terminologia bíblica, mas há uma referência clara a Asherah, e acho que esta é a que se refere na maior parte do tempo, praticamente o tempo todo, como foi entendido pelos tradutores gregos. do Antigo Testamento. O Asherah

era um bosque de árvores, um bosque de árvores vivas, e essas árvores, ou uma árvore, representavam a vida.

Foi muito proeminente no culto de Baal. Agora, no culto de Baal, Asherah também era uma deusa, mas era a árvore que a representava como doadora da vida. E assim, vemos na história de Gideão, por exemplo, quando Gideão foi retirar o altar de seu pai, ele cortou todas as árvores.

Esse foi o Asherah. Penso que é essencialmente isso que se quer dizer, mas em qualquer caso, estes símbolos de Baal estavam a ser usados. E não só no norte.

Sempre existe o perigo de infiltração cultural, de termos a tendência de adotar e fazer as coisas que as pessoas ao nosso redor fazem. E tentamos dizer que quando as fazemos, são diferentes ou não significam a mesma coisa. Mas o problema é que não se pode remover o seu significado e as suas implicações simbólicas só porque uma pessoa diferente os está a usar, ou porque estão a ser usados num lugar diferente.

Todas essas associações permanecem. E, claro, para o cronista, havia realmente apenas um local legítimo de culto, porque só poderia haver um lugar onde a santidade de Deus fosse representada. Então, isso foi algo que Asa entendeu, e ele removeu esses locais de culto estrangeiros, referindo-se, é claro, a Judá.

A outra coisa que Asa fez no início do seu reinado foi fortificar todas as cidades da Judéia e ter um enorme exército. Há aqui uma coisa curiosa sobre o cronista e sua atitude em relação à guerra. Fora de David, onde David tem guerras de agressão para estabelecer o seu império, as guerras que o cronista relata são guerras defensivas.

Ele sempre considera um rei com um exército poderoso como um sinal de que Deus está honrando o governo deste rei e abençoando este rei. Mas o que é sempre interessante é que, na visão das coisas do cronista, esses grandes exércitos nunca ajudam a vencer uma guerra. Na verdade, os maiores exércitos perdem sempre a guerra, e a guerra é sempre vencida, dependendo de que lado Deus está.

E Deus não está necessariamente do lado do rei da Judéia. Às vezes, Deus está julgando o rei da Judéia. Mas, de qualquer forma, o cronista aprova um grande exército.

Você simplesmente não depende disso para vencer suas guerras. Então, temos Asa aqui, e ele venceu Zerá. Este é um exército núbio.

Núbia é a parte mais meridional do Egito. Este exército provavelmente estava sob o comando do Egito e provavelmente era uma parte do seu exército que os egípcios usavam na área dos filisteus. Mas, conforme o cronista relata sobre esta vitória sobre Asa, ela segue fiel à forma.

Ele não faz nenhuma menção ao grande exército de Asa, seja qual for, e aos seus conhecimentos e habilidades. Não, fica muito, muito claro que estas guerras são guerras de Deus. E Asa ganhou o favor de Deus, e Deus vence a batalha, e Asa fica com os despojos.

Mas o reinado de Asa continua com outro profeta. Este profeta é Azarias, que no capítulo 15 traz um chamado ao avivamento. O período de tempo dessas angústias de que o profeta fala neste pequeno discurso não é dado, mas ele fala sobre as muitas angústias que Israel experimentou, e muito provavelmente está se referindo talvez até aos tempos dos juízes.

Mas é realmente um sermão. E Azarias está tentando dizer a Asa que só porque você tem todas essas angústias e todas essas dificuldades não significa que Deus não esteja a seu favor, e Deus o livrará. Você não deve desanimar, mesmo em tempos desafiadores.

Isto leva Asa a uma renovação da aliança e a uma grande celebração. Claro, o que é significativo aqui, e isto é predominante, especialmente apenas em Crônicas, é a participação das tribos do norte neste renascimento. Esta é a cerimônia que acontece no terceiro mês.

Então essa seria a Festa das Semanas no calendário dos Judeus. Havia três festas principais no calendário judaico. O ano sempre começava com a Páscoa como início do ano, e então em sete semanas acontecia a celebração do início da colheita, e também a celebração da entrega da lei no Sinai.

Depois, é claro, no sétimo mês houve o Festival de Outono, ao qual já nos referimos, que muitas vezes chamamos de Tabernáculos. Então, essa é a festa que não é tão citada, a festa do início da colheita. É também a festa de sete dias e é a Festa das Semanas.

Então, Asa tem essa grande cerimônia em que ele purifica as coisas. E uma das notações fornecidas aqui é a remoção da Rainha Mãe. Agora, a Rainha Mãe era aquela que tinha ligações com o norte e que tinha uma influência negativa em termos de adoração de Judá.

As mulheres tiveram uma influência considerável durante os reinados desses reis, e isso foi algo muito significativo. Tudo isso é muito, muito positivo. Mas o fim do reinado de Asa remonta a algo que foi realmente característico de todo o seu reinado.

É aqui que temos um dos enigmas do livro de Crônicas, e precisamos admitir que a forma como o cronista conta sua história nos deixa com alguns enigmas. Existem

várias maneiras pelas quais podemos elaborar essas cronologias, mas elas não parecem explicar exatamente os métodos do cronista. Então, o que o cronista relata aqui é uma guerra com Baasa, que ele diz acontecer no 35º ano.

Agora, isso está muito próximo do fim do longo reinado de Asa. Se voltarmos à cronologia e às datas que nos são dadas em Reis, Baasa deixou de ser rei de Israel por volta do 25º ano do reinado de Asa. Até logo, pelo menos 10 anos antes disso.

Os eventos aqui mencionados teriam ocorrido mais provavelmente no 15º ou 16º ano de seu reinado. Assim, às vezes tem sido dito que o 35º ano não se referia ao início do reinado de Asa, mas ao tempo da divisão do reino, que remonta a antes de Roboão. E isso certamente funciona em termos de cronologia.

É mais um problema em termos da teologia do Cronista porque o cronista tende a ter uma correlação na sua teologia. E o julgamento de Deus vem acompanhado de um fracasso ou de um pecado. E com esta guerra com Baasa, o que temos é claramente um julgamento, que parece refletir a forma como Asa morreu.

Reis nos conta que Asa morreu por causa de uma doença nos pés. O cronista parece considerar esta anotação em Reis como um julgamento que veio de Deus. De qualquer forma, o que temos aqui é o fracasso de Asa, o seu fracasso em confiar em Deus.

Portanto, como num momento anterior contra Zerá, ele exemplificou sua confiança em Deus. Agora ele não fez isso. E temos outro profeta que aparece.

Às vezes, esses são chamados de sermões levíticos e podem muito bem ter sido proferidos por um levita. Mas, essencialmente, são uma reiteração da forma como devemos confiar em Deus e na sua aliança. E onde Hanani lembra Asa do perigo das alianças e da dependência dos militares e de outras potências para vencer guerras.

Isso é o que Asa estava fazendo. E isso está absolutamente errado. E a resposta de Asa é exilar Hanani.

Então, o fim de Asa não foi bom. E Asa tem esta guerra contínua e interminável com Baasha. Agora, essa parte, é claro, é exatamente como temos em Kings.

Asa e Baasa estiveram em guerra durante todo o tempo de Asa. Então, esta era uma questão real em que o Norte lutava contra o Sul. Assim, o ideal de Abias, no qual este tipo de guerra poderia ser evitado, simplesmente nem sempre poderia ser realizado.

E no caso de Asa, não foi. No final, Asa morre devido à doença. E ele está enterrado com o que às vezes chamamos de fogo de especiarias.

Muitas especiarias com aroma foram usadas em seu enterro. E ele parece ter um enterro razoavelmente honroso, embora tenha um final muito infeliz. Assim, Asa é um exemplo de cronista de um daqueles reis que faz muito bem e faz muito bem, principalmente no sentido de evitar o sincretismo e a purificação de Judá.

Mas do ponto de vista do cronista, ele perde aquela humilhação diante de Deus. E porque o seu coração se torna orgulhoso, e ele confia em si mesmo, e confia em alianças, ele acaba em guerras desastrosas com Baasa, e acaba morrendo no julgamento. Então, é uma das formas do cronista de você ver o lado negativo.

Se não soubermos nos humilhar, o resultado para nós não será.

Este é o Dr. August Konkel em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 17, Fidelidade Comprometida.